

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

JÔNATAS STRITAR ALAMAN

**MARCAS DA ‘BRASILIDADE’: NEGOCIAÇÕES EM TORNO
DE GÊNERO, SEXUALIDADE E COR NA EUROPA**

**CAMPO GRANDE-MS
2020**

JÔNATAS STRITAR ALAMAN

**MARCAS DA ‘BRASILIDADE’: NEGOCIAÇÕES EM TORNO DE
GÊNERO, SEXUALIDADE E COR NA EUROPA**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdade de Ciências Humanas da UFMS como requisito básico para a conclusão do Curso de Ciências Sociais (Bacharelado).

Orientador: Prof. Dr. Victor Garcia Miranda
Co-Orientador: Prof. Dr. Guilherme R. Passamani

**CAMPO GRANDE – MS
2020**

**MARCAS DA ‘BRASILIDADE’: NEGOCIAÇÕES EM TORNO DE
GÊNERO, SEXUALIDADE E COR NA EUROPA**

JÔNATAS STRITAR ALAMAN

BANCA EXAMINADORA

Prof. Victor Garcia Miranda (FACH/UFMS) – Orientador

Prof. Dr. Guilherme R. Passamani (FACH/UFMS) – Co-Orientador

Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa (FAED/UFMS) – Membro Externo

Prof. Dr. Tiago Duque (FACH/UFMS) – Membro Interno

Agradecimentos

Ao querido Prof. Guilherme: obrigado pelos incentivos.
À minha família e amigos. Aos quais, à minha maneira, amo e prezo.

RESUMO

Este artigo procura lançar luz sobre algumas das configurações do mercado do sexo transnacional. Serão analisadas entrevistas com *escorts* que transitam pela rota Brasil-Portugal de prostituição masculina, bem como anúncios dispostos por estes mesmos rapazes no portal português viphomens.net. Para tanto, parte-se de uma bibliografia que põe em questão as articulações de marcadores sociais da diferença e dos espaços de agência possibilitados em dados cenários. As rotas migratórias, aqui, serão entendidas como características de uma modalidade de prostituição que utiliza dos meios de comunicação como principais veículos que mediam o contato entre escorts e clientes. Portanto, o uso de sites e aplicativos aqui se configura como ferramenta nas economias sexuais da Europa, denunciando as estratégias e lógicas da prostituição masculina em contextos transnacionais. Além disso, se problematiza a intersecção de marcadores como gênero, cor/“raça” e nacionalidade, procurando entender como a marcação da diferença na Europa ocorre e qual o lugar ocupado pelos brasileiros em tais contextos, levando em consideração não somente o imaginário ocidental sobre o brasileiro, mas também as práticas de reforço de certos estereótipos agenciados por estes rapazes.

Palavras chave: Prostituição masculina; rotas migratórias; marcadores da diferença; Brasil; Portugal

SUMÁRIO

Introdução	7
1 Contextualização do debate	9
2 “<i>Prostituto e prostituta vivem sempre viajando</i>”: sites de anúncios e rotas migratórias . 13	
3 Gênero, sexualidade e cor: expectativas e negociações	20
Considerações Finais	30
Referências Bibliográficas	31

Introdução

As formulações apresentadas neste artigo são provenientes do plano de trabalho de iniciação científica (PIBIC/CNPq 2019-2020) “Análise da rota Brasil-Portugal de prostituição masculina a partir de um site português de classificados” e fazem parte do projeto de pesquisa “Prostituição masculina em Campo Grande: gênero e sexualidade em intersecção com outros marcadores sociais de diferença”, desenvolvido junto ao Núcleo de Estudos Néstor Perlongher – Cidade, Geração e Sexualidade (NENP), onde, em um panorama maior, trabalham-se as diferentes configurações da prostituição masculina.

No caso desta pesquisa, as indagações iniciais diziam respeito às movimentações realizadas por *escorts*¹, michês (PERLONGHER, 1987), ou profissionais do sexo (OLIVAR, 2013), que se dirigiam até Portugal para exercer a prostituição. O ponto de partida, ou o lócus da pesquisa, é o site viphomes.net,² onde, a partir das primeiras observações, era nítida a proeminência de homens brasileiros se anunciando no portal.

Esta presença assídua de brasileiros se anunciando em um site de prostituição em um país Europeu levantava dúvidas sobre os motivos possíveis de escolha deste país, como também o porquê da demanda intensa destes rapazes. A rota migratória Brasil-Portugal de prostituição se apresentava como problema inicial a ser tratado pela pesquisa e, ao fim, gerou resultados frutíferos quanto às lógicas das economias sexuais³ da Europa, onde os rapazes em questão se encontravam.

Ao longo deste texto, colocarei em destaque as experiências destes escorts e como o exercício da prostituição em Portugal se apresenta como campo privilegiado para entendermos a ordem das relações de poder que tomam espaço na Europa. As negociações de

¹ Os termos nos quais podem se definir os homens, como também as mulheres, que participam de transações econômicas em troca de sexo variam. As conotações podem ser políticas ou podem seguir noções de moralidade. Ao longo do texto, me referirei aos sujeitos, aqui estudados, como *escorts*. Uma vez que foi operacionalizado em campo, demandado por alguns rapazes para se distinguir positivamente de outras definições, como *garotos de programa* ou *prostitutos*. Nesta categoria encontramos, por exemplo, a articulação do marcador classe como principal eixo de diferenciação nestes contextos. O preço do programa, os locais onde se realizam, os regimes de higienização, do sexo e do indivíduo, são características importantes de sujeitos sob esta insígnia. Destacando-os de outros rapazes que se prostituem em outros contextos, como as ruas.

² Disponível em: <<http://viphomes.net>> Acesso em: 03 out. 2020.

³ *Economias sexuais, mercados do sexo ou indústria do sexo* são variações possíveis encontradas na bibliografia fundamental para essa pesquisa. Considera-se, resumidamente, que as diferenças entre estes conceitos se referem às limitações que cada um pode tomar quando se está querendo abranger um fenômeno complexo e variado como é a prostituição. Usarei, alternadamente, economias sexuais e mercados do sexo, me referindo às diferentes relações que são engendradas a partir da oferta de sexo pago e seguindo as formulações de Adriana Piscitelli (2016), quando afirma que mercado do sexo “remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social. Essa ideia alargada de mercado contribui para considerar que os mercados do sexo envolvem não apenas intercâmbios caracterizados como “comércio”, mas também outras trocas que não são assim concebidas e podem, até ser pensadas como dádivas” (PISCITELLI, p.4, 2016).

marcas atribuídas aos brasileiros, bem como o estágio atual da prostituição masculina, em um mundo cada vez mais globalizado e dependente dos meios de comunicação, estarão em destaque e servirão como fio condutor para as formulações que pretendo desenvolver.

Pondo em questão o uso de sites e aplicativos nesta modalidade de prostituição, que se intersecta com certos processos migratórios, as análises presentes nesta pesquisa têm como base observações *netnográficas* (PARREIRAS, 2011; NOVELI, 2010) e entrevistas *online* realizadas a partir do posterior contato com os rapazes que se encontravam no site. Com o olhar sobre o portal, foi possível desenhar certas constâncias para os anúncios, como as marcas corporais evidenciadas pelos rapazes, seus espaços nas relações afetivo- sexuais com clientes europeus e, também, a tensionamentos que, no geral, prometem um sexo inesquecível e *quente*.

Neste marco, o uso de sites e aplicativos nas dinâmicas do sexo pago, sendo observável não somente na Europa, se apresenta como ferramenta operacionalizada por estes rapazes para conseguir alcançar uma clientela maior que procura os serviços prestados. (BARRETO, 2019). Assim, os anúncios, aqui, são o pontapé inicial de análise e o desenrolar das análises são amparadas pela bibliografia (AGUSTÍN, 2005; KEMPADOO, 2000; PISCITELLI, 2002, 2011) que discute a transnacionalização da prostituição, as variações possíveis das configurações dos mercados do sexo, bem como as brechas de agência (ORTNER, 2007) que possibilitariam uma locomoção social maior para quem se insere nestas rotas migratórias.

Como supracitado, as pesquisas desenvolvidas, ao longo do projeto de iniciação científica, tinham como lócus o portal de anúncios, com consequentes conversas a partir do aplicativo de mensagem *Whatsapp*. As leituras sobre o que se denomina como etnografia de tela ou netnografia sustentaram o percurso metodológico de parte do estudo aqui apresentado. Com o decorrer do tempo, foi possível notar similaridades nos comportamentos quando, principalmente, na minha apresentação explicitava o propósito da pesquisa. Era ignorado, por vezes bloqueado, e também apresentado aos tensionamentos existentes no campo da prostituição masculina⁴. Ao tratar de tema tão sensível, especialmente em termos legais e jurídicos, era previsível deparar-se com relutâncias e distanciamentos. Aos que aceitaram

⁴ Cito, como exemplo, uma situação em campo em que um possível interlocutor se comunicou através de mensagem de áudio dizendo: “Ah, é pesquisa? Então deposita dinheiro na minha conta que assim você não perde seu tempo, nem eu perco o meu”. Aqui, ficando evidente a troca mútua, mediada através do dinheiro, que pode ser possível entre um pesquisador e um escort, denunciando as negociações que podem acontecer quando se estuda as lógicas do mercado do sexo.

responder minhas perguntas, as conversas se mostraram frutíferas e os dados serviram como base para produções de textos posteriores.

As reflexões baseadas nestas observações demonstram a validade científica de estudos que se propõem estudar os contextos *online*. Aqui, as entrevistas feitas a distância e as investigações sobre o site denunciam que o fazer etnográfico pode ser adaptável o suficiente para lançar luz em contextos antes não considerados possíveis de problematizações, legando pesquisas ricas em elementos passíveis de serem esmiuçados.

As interpretações aqui, portanto, são oriundas destas conversas feitas tanto por aplicativo de mensagens, como por videoconferência, e pertencem a um grupo de rapazes brasileiros que estão na faixa etária dos 21 aos 36 anos, que se propuseram a responder perguntas referentes às suas vidas aqui no Brasil. O ponto de partida para as formulações que seguem se limita às entrevistas com os escorts e as análises do site. Considerando que os rapazes possuem margens para agência, é possível traçarmos alguns comentários sobre a possível sexualização e racialização dos brasileiros e o alinhamento estratégico destes para com esse imaginário que os concebe de determinada maneira. Para tanto, nas entrevistas, serão exploradas suas inserções no mercado do sexo, tanto no Brasil quanto na Europa, seus projetos de vida, os empecilhos enfrentados na migração, os espaços acessados que foram possibilitados pela profissão, entre outros temas. Sublinho que para a escolha dos rapazes, inicialmente, só mantive o critério de nacionalidade como recorte.

Assim, este trabalho será dividido em três seções. Na primeira, farei uma contextualização geral da prostituição em contextos transnacionais à luz da perspectiva interseccional. Na segunda, explorarei os sites e aplicativos nas rotas de turismo/trabalho sexual e nos regimes de mobilidade acionados pelos rapazes, bem como as estratégias usadas por estes quando se anunciam *online*. Na última seção, explorarei os marcadores sociais da diferença que são tensionados e intensificados em Portugal/Europa, caracterizando aquele mercado do sexo. Por fim, exploro as margens para agência destes sujeitos.

1 Contextualização do debate

A prostituição masculina, comparada aos estudos de prostituição feminina, mantém baixa presença dentre as produções acadêmicas e suscita poucas indagações quanto às experiências possíveis destes rapazes que ofertam o sexo pago aos clientes. Entretanto, as

investigações são crescentes e as análises sobre este fenômeno encontra respaldo em diversas áreas do conhecimento (LOPES; PASSAMAN; ROSA, 2019).

O trabalho basilar sobre prostituição masculina no Brasil é de Néstor Perlongher, *O negócio do michê* (1987), e se disseminou na literatura acadêmica, sendo praxe encontrarmos referências aos seus textos em diversos estudos. Ele foi pioneiro ao trabalhar a sociabilidade noturna de garotos de programa na metrópole paulista. Perlongher desenvolveu análises sensíveis às lógicas territoriais da prostituição em São Paulo. Destacando as categorias classificatórias contextuais, que criam as *mariconas* ou *os baixos michês*, ligadas aos espaços possíveis de contato com os clientes, como ruas, banheiros e praças públicas, encontramos uma economia do desejo que embaralha o campo social e produz territorializações e desterritorializações de sujeitos neste cenário, questionando identidades fixas e produzindo diferenças.

Atualmente, com o impacto da introdução de novos meios de comunicação, a prostituição masculina se deslocou do espaço público, como as ruas, e mesmo de alguns espaços privados como saunas⁵, e adentrou aos emergentes sites e aplicativos de encontro que têm como finalidade facilitar as parcerias afetivo-sexuais entre homens. Com o avanço dos usos de smartphones, a modalidade de prostituição “pública” é posta às margens e o trabalho sexual passa por um processo de “higienização”, onde o tipo ‘contemporâneo’ de prostituição busca estar alinhada às noções mais recorrentes de saúde, limpeza e segurança.

Esta transformação não somente diz respeito a como, ou onde, se efetuam as conversas e marcações de encontro, mas também a toda uma reorganização dos métodos de contato, das simbologias que tomam sentido neste espaços, bem como gerem o que Richard Miskolci (2014, p. 12) apontou como sendo um regime de visibilidade que se configura a partir desses aplicativos⁶.

No que tange à transnacionalização desta faceta do mercado do sexo, as pesquisas ainda são incipientes. Contudo, a migração intersectada com a prostituição não é tema recente no debate acadêmico e, muito menos, deixa de levantar questões relevantes no que se refere ao impacto dela nas políticas migratórias de diversos países. Tidas como vítimas por algumas frentes feministas, as mulheres “traficadas” e “exploradas sexualmente” se tornaram questão central nas discussões entre estas perspectivas, influenciando, também, em formulações de políticas públicas. É possível haver certa distância com a realidade dos sujeitos estudados ao

⁵ Contudo, ainda continua sendo observável nestes contextos (PASSAMANI; ROSA; LOPES, 2020; POCAHY, 2012; SANTOS; PEREIRA, 2016; VIANA, 2010).

⁶ O trabalho de Miskolci (2014) discute as diferentes maneiras de negociar a sexualidade de homens publicamente heterossexuais, mas que mantinham relações sexuais com outros homens *em segredo*.

longo deste texto, mas acredito ser necessário contextualizar o debate e apresentar o campo maior de diálogo em que se localiza o tema que aqui pretendo expor. Visto ser inevitável trazer as discussões que se desenvolveram ao longo dos anos em que a transnacionalização do mercado do sexo se transformou em pedra de toque no debate sobre exploração de mulheres e tráfico de pessoas.

Apresento, agora, como elemento central do entendimento dessas disputas que tomam a prostituição feminina como parâmetro, o Protocolo de Palermo. O Protocolo, formulado em 2000, entrando em vigor em 2003 e sendo ratificado pelo Brasil em 2004, enquanto um dispositivo legal, serve como carta aos Estados no intuito de definir com mais clareza as novas definições de tráfico de pessoas e que pode guiar as futuras legislações sobre este tema.

Por mais de cinquenta anos, a *Convenção das Nações Unidas sobre a Supressão do Tráfico de Pessoas e a Exploração da Prostituição de Outros* (PISCITELLI, 2013, p. 82) de 1949 serviu como referência nas ações governamentais que visavam impedir o tráfico de pessoas. Nesta convenção, apresentaram-se características interessantes que foram cambiadas pelo Protocolo de Palermo em 2001. Na convenção de 1949, o tráfico e prostituição eram considerados um só fenômeno, um causando o outro. Lutar contra o tráfico, nessas definições, conseqüentemente, levaria à extinção da prostituição. Nestes debates, representantes de movimentos neoabolicionistas, como a Coalition Against the Trafficking in Women (CATW), defendiam disposições diferentes das tratadas na convenção de 49, uma vez que os argumentos abolicionistas na primeira metade do século XX esbarraram, muitas vezes, em preceitos morais e religiosos.

Neste novo âmbito, fruto das reflexões dos movimentos feministas da década de 1980, o abolicionismo⁷ foi reformulado, levando em conta, agora não a moral, mas sim a violência contra a mulher. O abolicionismo radical, sendo fruto desses debates, prevê nenhuma tolerância a qualquer pessoa que estivesse envolvida na prostituição. O direito de se prostituir seria negado até às próprias profissionais, chocando-se, em algum momento, com os direitos humanos universais. (Ibidem, p. 89). Nesta abordagem, a prostituição é, em todas as instâncias, uma violação do corpo feminino, e qualquer sinal de consentimento entre os dois, ou mais atores, destas ações não é validada, pois nesta vertente não há nenhuma consideração

⁷ Para uma introdução às leis que regem a prática da prostituição em Portugal, ver Marta Graça e Manuela Gonçalves (2016) e para as concessões de estadia para migrantes no mesmo país, ver Igor José Machado (2011).

ao acordo mútuo quando há uma violência que fere a autonomia, liberdade e dignidade das mulheres.⁸

Em algum momento, o diálogo que procura entender a conexão entre migração e prostituição esbarrará nas possibilidades de escolha destes sujeitos, em especial as mulheres, levantando indagações sobre as habilidades de se locomoverem em cenários de desigualdade e de reorientarem, momentaneamente, os meandros das relações de poder vigentes. Neste ponto, o olhar para contextos onde ocorrem processos de diferenciação e, por vezes produções de desigualdades, deve ser sensível aos diferentes tipos de manipulação e controle que estes sujeitos, ora subalternizados, têm sobre suas determinadas realidades (PISCITELLI, 2008). Se procura avançar, neste sentido, sobre certas concepções onde sujeitos do “terceiro mundo” são lidos como passivos, carentes e sem poder de ação. Na dinâmica destas relações, entre indivíduos do “Sul” e “Norte”, a busca não se limita a um tipo de jogo de soma zero, mas sim às diversas negociações existentes em contextos onde a marcação da diferença é evidente, e onde pode haver possibilidades de ascensão social (MOUTINHO, 2006).

Neste marco, a interseccionalidade, informada por perspectivas que procuram jogar luz sobre as margens de agência destes sujeitos, guia boa parte dos estudos sobre a transnacionalização dos mercados do sexo. Nestas direções possíveis, onde a análise interseccional pode tomar forma, são encontradas duas perspectivas que se destacam na academia. Enquanto uma abordagem *sistêmica* procura explorar as diferenças categoriais a partir de uma soma de opressões, que resultariam em sistemas de subordinação em contextos de desigualdade, a abordagem *construcionista*

visa compreender como tais categorias e outras são mobilizadas em contextos específicos de produção das diferenças. É a atenção sobre a dinâmica e prática empírica nos modos de diferenciação, nomeação, hierarquização e produção de desigualdades (HIRANO, 2019, p. 48).

Pensada inicialmente pelos *black feminisms* e cunhada por Kimberlé Crenshaw (2002), a interseccionalidade surgiu como aporte necessário para se entender as múltiplas configurações que posicionavam mulheres em situações de desigualdade em diferentes

⁸ Saliento outras entidades feministas, como a GAATW (Global Alliance Against Trafficking o Woman), que levaram a prostituição a outro nível de discussão. (PISCITELLI, Op. Cit. p. 90). Ao se alinharem às/os trabalhadoras/es do sexo, defendiam a regulamentação da prostituição e os direitos assegurados às trabalhadoras. Viam também o fenômeno do tráfico como uma consequência da penalização do trabalho sexual, onde as pessoas que exploram estas mulheres aproveitam a ilegalidade da prostituição para coibirem as/os prostitutas/os, mantendo essa ilegalidade, junto a da migração, como um lugar privilegiado nas relações de poder sobre as/os trabalhadoras/es sexuais.

contextos. A partir desta ferramenta, foi possível explorar os eixos de subordinação, como gênero, cor/raça, sexualidade, por exemplo, que condicionariam realidades e experiências de mulheres negras.⁹ Ou seja, o realce das intersecções entre marcadores sociais da diferença em dado processo migratório procuraria denunciar situações de subordinação, hierarquização das diferenças e, em alguns casos, algum grau de agência. As articulações entre gênero, cor/raça, sexualidade, nacionalidade são informadas pela bibliografia que procurou entender as configurações das relações que são engendradas a partir do contato, em um mundo cada vez mais globalizado, entre diferentes nacionalidades.

A dinâmica das relações entre brasileiros e portugueses, por exemplo, é de ordem simbólica, como também mantém estreita relação com o passado colonial (MACHADO, 2004). Sendo estas interações tingidas por noções portuguesas/europeias sobre o gênero e sexualidade, que localizam os rapazes aqui estudados em posição ambígua de recusa e desejo, é possível desenharmos uma análise que possa apresentar algumas particularidades do fenômeno da transnacionalização do mercado do sexo.

2 “*Prostituto e prostituta vivem sempre viajando*”¹⁰: sites de anúncios e rotas migratórias

Nas rotas migratórias ou nos estudos sobre o turismo sexual, é comum observarmos uma feminização dos deslocamentos, quando se trata de Europa como destino (SILVA; BLANCHETTE, 2005) ou de viagens de homens brancos europeus a países do sul que engatam relações amorosas ou sexuais com as “nativas”. (AGUSTÍN, 2005; PISCITELLI, 2011). No primeiro caso, a vontade de mudar de país, os deslumbramentos com outras culturas, a possibilidade de casar com europeus e ascensão social possibilitada por esses casamentos são fortes fatores que são compartilhadas por mulheres que se prostituem. No segundo caso, a procura pela “autenticidade” (PISCITELLI, 2002) do sexo e a busca pelo suposto “apetite sexual” das “nativas” direciona as viagens de turistas europeus a outras localidades, como Brasil ou Sul da Ásia.

Deslocamentos e prostituição se imbricam em uma relação complexa onde diversos fatores devem ser levados em consideração, ainda mais se estivermos tratando de barreiras transnacionais que são perpassadas por sujeitos imigrantes que procuram qualidade de vida

⁹ Para análises mais profundas sobre a variação de termos possíveis, como *marcadores sociais da diferença* ou *categorias de articulação*, como também as disputas em torno do termo, ver (HENNING, 2015; KYRILLOS, 2020).

¹⁰ Fala retirada de uma entrevista com um interlocutor.

melhor em países europeus. Dinheiro, língua, contato com outras culturas, lógicas locais dos mercados do sexo, tipo de cliente, valor do programa, estadia, documentação são itens de uma longa lista de desejos vantajosos perseguidos por trabalhadores/as sexuais do Brasil na Europa, por exemplo.

Neste sentido, sublinho os trabalhos de Nicola Mai (MAI, 2009; MAI; KING, 2009) ao analisar os novos processos migratórios acionados por jovens rapazes ao decidirem migrar para Europa, direcionados a partir de uma fantasia compartilhada ao redor desse espaço geográfico e simbólico que a caracterizaria como moderna e ocidental. Nestes processos, as migrações constantes entre países da Europa também são analisadas e os trânsitos intermitentes dizem respeito às questões psicológicas e subjetivas dos indivíduos (MAI, 2009). Daniel Kerry dos Santos, por sua vez, chama de “afeto do medo”, aquele que se desdobra em “outros afetos, como incertezas, inseguranças e desconfianças diante das possibilidades de viajar para o exterior...” (SANTOS; LAGO, 2020, p. 17), o que impede os rapazes de sua pesquisa de migrarem. Em minha pesquisa, as locomoções não só se definem como parte intrínseca da prostituição masculina, como definem a forma de como se prostituir.

Destaco, agora, um fator importante e, talvez, definidor das motivações de deslocamentos, a *novidade*. Quem é novo mantém uma demanda elevada de clientes a partir do momento em que se destaca no mercado do sexo em que está inserido. Esta noção, do *novo e não experienciado*, que evoca curiosidade, é destacada no portal viphomens.net. Se um rapaz é recém-chegado ao país, visualizamos o seu destaque com o “novidade” ao lado de seu anúncio. Além da reiteração dos próprios escorts ao deixarem em suas descrições frases afirmando sua temporalidade, como “no país apenas por curto período” ou “curta temporada”.

Pedro Baiano¹¹, 33 anos de idade, “negro”¹², migrou para Portugal há 7 meses no momento da entrevista. Com um ambiente familiar violento – afirmou ter “apanhado” do irmão diversas vezes por ser homossexual – iniciou no mundo da prostituição “por acidente”:

Estava em Brasília e iria ter um show de graça da Ivete Sangalo na Esplanada... Quando acabou o show era mais de meia noite e trinta e não tinha ônibus para voltar para casa... E eu e meu amigo ficamos andando pela rodoviária [em frente à esplanada]. Daí parou um homem num carro belíssimo e perguntou se eu queria sair com ele, de madrugada.

¹¹ Os nomes dos interlocutores aqui apresentados foram extraídos do portal em questão.

¹² As classificações raciais dos rapazes estarão apresentadas entre aspas. Isto se dá pelo fato de haver negociações referentes a determinadas categorias, como apresentarei adiante.

A partir desta experiência, na rua, Pedro Baiano¹³ recebeu dicas desse primeiro cliente e na mesma noite afirma ter saído com mais 4 clientes. Naquele dia, aos 15 anos, decidiu seguir com a profissão e continuou se prostituindo até os 18 anos. Pouco tempo depois, se mudou para Goiânia e ganhou muito dinheiro. Ele destaca a precocidade que marcou seu início na prostituição: *era uma criança e a vida me empurrou pra isso, só apanhava em casa, tive que dar um jeito de sair [de casa]. Na minha época não tinha jovem aprendiz, primeiro emprego, etc.*

No caso de Pedro Baiano, as viagens começaram já no Brasil. Afirma que sempre viajou muito e visitou estados como Rio de Janeiro e São Paulo. Fez sucesso na região de Bela Vista, na capital do estado de São Paulo, e “fez carreira” na cidade do Rio de Janeiro. A lógica destas viagens confirma o que falamos acima sobre a noção de novidade. O interlocutor conta que sempre viajou para procurar clientes novos e diz que *se tu não viajas você deixa de ser novidade e de ganhar dinheiro*. Ele migrou para Portugal, há sete meses, para *começar uma vida nova*.¹⁴

A projeção de um futuro promissor, com as viagens, e também a partir do exercício da prostituição pode ser analisada a partir do que Gilberto Velho (1994) definiu como *projetos em um campo de possibilidades*. A construção de um projeto de vida a partir de determinadas ambições, desejos e necessidades é concomitantemente disputada por outros projetos construídos individualmente ou em grupos. Com a definição objetiva de um projeto, sendo resumido como uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (Ibidem, p. 40), não se implica uma liberdade incondicional do sujeito frente aos obstáculos sociais e culturais impostos e ele. A partir do desenho de um projeto de vida, dentro de um campo de possibilidades, temos o delineamento de uma *carreira* inserida em relações de poder, e conflitos interpessoais e intragrúpicos, onde a mutabilidade destes mesmos projetos é inevitável (DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA; CHIESA, 2016, p. 472).

A experiências dos rapazes destacam esta inserção no mundo da prostituição a partir da *necessidade*. Este *precisar* se prostituir não afirma potencialmente uma não escolha frente às dificuldades enfrentadas, principalmente em casa. A adaptação ao contexto em que estavam inseridos, com um ambiente familiar violento por exemplo, esboçaram novas possibilidades destes indivíduos em um cenário onde a prostituição se tornou possível.

¹³ A regionalização do mercado do sexo em contexto brasileiro é potente de ser analisado. O “baiano” de Pedro pode denunciar esse jogo identitário entre a racialização do desejo pelo brasileiro advindo de um dos pontos turísticos mais conhecidos do país, a Bahia.

¹⁴ Interessante destacarmos como os processos migratórios ocorriam já no Brasil. As viagens entre estados do país foram recorrentes no caso de Pedro e Guilherme. Acredito que esta lógica se repita na Europa, entretanto possui outras características próprias deste contexto.

Guilherme, outro interlocutor alcançado através do site, 26 anos, “mulato” e formado em educação física, também nos relata algo de suma importância. Guilherme decidiu sair de casa, pois, além de não ser muito bem aceito pela família devido à homossexualidade, diz não gostar de depender financeiramente dela. Quando também decidiu mudar para Goiânia, após ter conhecido um homem de 55 anos que supostamente se apaixonou por ele e insistiu para que ele se mudasse para a cidade, enfrentou dificuldades financeiras e, quando não tinha como se manter, começou a se prostituir, com 17 anos, na Avenida Goiás.¹⁵ Após um tempo se prostituindo, arranhou outro emprego em uma empresa de telemarketing. Entretanto, após conhecer uma amiga que se prostituía, a ideia, novamente, ganhou força. Fez ressalvas, dizendo que relutou em voltar porque *não tinha a mente que tem agora* e que agora vê a *prostituição como negócio*. Se mudou para Florianópolis e acionou o site *vivalocal*¹⁶. Trabalhava como professor de zumba e jumpstep (3 horas diárias) e no resto do dia tinha os *books*, ou marcações de encontro com os clientes.

A constituição de um projeto de vida destes rapazes, assim, se delimita a partir de um leque de possibilidades disposto em relações intrínsecas aos contextos nos quais estavam inseridos. A prostituição, após suas primeiras experiências, se apresenta como opção viável e, principalmente, mais rentável frente outras ocupações, mesmo entre aqueles com diplomas de ensino superior. Isto é, as tensões envolvendo os projetos de outros grupos, como de suas famílias e de amigos, singularizam suas experiências (KOURY, 2015, p. 34). E, nestes casos, dentre uma gama, a prostituição se torna opção.

Interessante notar que, com suas movimentações territoriais aqui no Brasil, já se relacionavam afetivo-sexualmente com homens, sobretudo Europeus. Em Florianópolis, Guilherme afirma ter se relacionado com alemães e franceses e que *os espanhóis sempre me seguiam*. Mora em Portugal há quatro anos e, inicialmente, começou a dar aula de ritmos brasileiros¹⁷ e fazia, concomitantemente a esta ocupação, as massagens com “happy ending”¹⁸. Atualmente se considera *escort mesmo* pois é sua única ocupação, e Portugal, agora, é um lugar de descanso.¹⁹

¹⁵ Como no caso de Pedro Baiano, os “pontos” onde começaram o exercício da prostituição são conhecidos, contextualmente, como locais de prostituição.

¹⁶ Disponível em <https://www.vivalocal.com/acompanhantes-gays/br>. Acesso em: 25 de out. 2020.

¹⁷ Destaco aqui o conceito elaborado por Igor José de Renó Machado de “mercado do exótico”, sendo considerado como “os lugares de trabalho encontrados pelos brasileiros [...] boates, cursos de lambada e samba, apresentações de capoeira e conjuntos musicais” (MACHADO, 2008, p. 707).

¹⁸ As massagens com “final feliz” se caracterizariam como algo que pode fugir da conotação explícita e objetiva do “sexo pago”. Aqui, pode existir uma tensão íntimo-sexual entre o escort e o cliente, onde o sexo, apesar de ser o produto final quase inevitável, é apenas uma das possibilidades entre aquela interação.

¹⁹ Guilherme preferiu Portugal como país de morada pois, segundo ele, o custo de vida, e também dos aluguéis, são mais baratos comparados à Inglaterra.

A partir de afirmações não só dos interlocutores supracitados, mas também de outros rapazes contatados para esta pesquisa, Portugal é destino privilegiado, principalmente, por ser lusófono. A proximidade das línguas é um sinal positivo para aqueles que não sabem outros idiomas e mantêm certo medo com o contato com nacionalidades “distantes” da brasileira. Além de Portugal estar em uma rota mais abrangente (TOGNI, 2011). Ou seja, não só daqueles que visam se prostituir. Como afirmou Pedro Baiano, *estamos colonizando Portugal. Os lugares onde mais se encontram brasileiros são restauração, cafês e principalmente obras. Onde tem pedreiro, tem brasileiro.*

Como apresentado, os estudos sobre as rotas migratórias podem dar certo destaque a certo fluxo específico, do Norte ao Sul no caso do turismo sexual, ou ênfase no gênero feminino quando se pensa no deslocamento à Europa. Os trânsitos destes rapazes podem adquirir certa peculiaridade frente ao que já fora debatido na literatura, ao se destacar o fenômeno da prostituição masculina.

Os sites se apresentaram em campo como sendo elemento central que caracteriza o sucesso de tais viagens. O portal viphomens.net não é o único, mas se localiza dentro de um mercado diverso que procura viabilizar encontros entre escorts e clientes. Como ocorreu com Pedro Baiano que, ao chegar a Portugal, conseguiu seu primeiro cliente a partir do aplicativo *Grindr*.

Contudo, o papel de sites e aplicativos não se limita ao encontro com clientes em potencial. Guilherme, por sua vez, afirmou ter mudado sua localização para Portugal e conseguido contato com um rapaz que estava alugando casa para brasileiros. Em quinze dias vendeu o carro que havia ganhado da sua avó, arrumou suas passagens e migrou pra Portugal. Assim, os aplicativos não somente funcionam como canal para encontros, mas também como ferramenta pra quem se depara em um ambiente completamente desconhecido. Já os sites são usados para trabalho.

Quando se inicia o processo migratório e se começa a delinear seus próximos passos, os sites são ótimos instrumentos acionados pelos rapazes. Dentro de uma lógica global de viagens e encontros, os sites podem ser estabelecidos como sustento para esses homens que se aventuram ao transpor barreiras internacionais. Guilherme, por exemplo, compartilhou o seu desejo de viajar para os Estados Unidos: *quero dar uma mudadinha. Outros ares.* Quando decide se movimentar entre os países, gosta de se preparar, olhando os sites e os lugares de estadia no “Booking.com”.

Em Londres, lugar que mostrou ser seu destino predileto quando a questão é trabalho, usa sites como: rentmen; sleepboy; Birchplace; republicmassage e vivastreet. Continua

dizendo que quando chegou na Inglaterra *não conhecia nada, não falava o idioma*, até se habituar com o mercado do sexo local e com as demandas do país. Pedro Baiano segue a mesma linha ao afirmar que cada país tem seu site. Em Portugal, além do *viphomens*, usa o *classificadosx e rua 69*. Na Espanha aciona o site *Pasion*.

A periodicidade que dita estes movimentos é pautada pelo tempo com que se mantém como novidade em cada cidade. Os pulos internos, entre regiões de Portugal, e externos, entre países da Europa, são característicos deste tipo de prostituição transnacional. Estes deslocamentos são conhecidos como *praças* e a maioria dos rapazes com que contatei já os realizaram.

Guilherme, por exemplo, trabalhou na Itália, onde ficou 1 mês e visitou 5 cidades. Também visitou a França em 4 cidades distintas. Em ambos países esteve em períodos de 1 mês. Entretanto, para ele, não se comparam à Inglaterra²⁰, onde fica em cada cidade no período de 1 semana, pois gosta *de estar girando*. Já esteve em Glasgow e afirma querer voltar, pois gostou da sua experiência e esclarece: *vou repetindo as cidades né, porque é o tempo de dar saudade*”.

Nas economias sexuais da Europa, vemos um método dos escorts no que se refere, não somente às noções que envolvem o gênero e sexualidade dos brasileiros, a algo que impele movimentações que colocam os países de destino e seus clientes dentro de uma rota. Assim, o preço dos programas, o tipo de cliente, o período de cada escort em cada local, a viabilidade da viagem e outros fatores fazem parte da lógica das movimentações destes rapazes.

Faço ressalvas a certa facilidade subliminar que envolve essas movimentações. A documentação, o racismo/xenofobia, as incertezas e inseguranças podem estar presentes nestas viagens. Entretanto, o medo é solapado pela vontade, e necessidade, de se inserir em rotas migratórias que fazem sentido quando a dinâmica das relações entre escorts e clientes na Europa mantém um quê de efemeridade e a procura por novos rostos, tanto pelo por parte dos escorts quanto dos clientes, define o mercado do sexo nesses cenários.

Já sobre os anúncios em si e toda a simbologia encontrada nas fotos e nas descrições, entramos em outra discussão sobre a construção imagética do escorts brasileiro nestes contextos. No processo de analisar os anúncios e todas as informações que podem ser extraídas a partir das fotos disponibilizadas, vemos um padrão da construção do escort. O tamanho do pênis, a musculatura e algumas posições dos escorts nas fotos, que podem ser elucidativas, ajudam a comunicar algo sobre este mercado. A corporalidade é evidentemente

²⁰ Para Guilherme, a Inglaterra se tornou preferida em suas viagens pois os tipos de clientes encontrados neste país se diferenciam de outras nacionalidades. Além do preço dos programas ser maior.

bem enunciada, como exemplo do pênis e dos músculos, mas ocorre também a exacerbação de certo tipo de masculinidade ou virilidade.

Esta masculinidade abordada em campo, que pode limitar posições sexuais, se diferencia de outros tipos constituídos contextualmente (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013; KIMMEL, 1998) e, o mais importante, condiciona um jogo entre o corpo e a performance que informa o tipo de demanda existente neste mercado do sexo.

O corpo viril, másculo, e ativo sexualmente, tensiona o desejo por um tipo de performance que pode informar o gênero a partir da posição sexual. Neste ínterim, os músculos denunciam não somente um corpo saudável, como formulado por Miskolci (2014, p. 71), mas também o apresenta como uma base material, corporificada, do *Homem*. No caso da pornografia gay, por exemplo, é comum encontrarmos “situações de simulação de hipermasculinidade”, onde as posições podem conjuntamente reforçar e ironizar “os lugares tradicionais do masculino: policiais, trabalhadores braçais urbanos, *dudes*, *thugs*, *cholos* e *hustlers* dos guetos norte-americanos, rapazes da favela brasileiros, e assim por diante”. (PINHO, 2012, p. 168).

Pedro Baiano iniciou na rua, ou como contou: *eu sou das antigas*.²¹ O processo de adaptação aos sites foi visto de fora por ele, pois não estava se prostituindo no momento em que ocorria esta transformação no mercado, mas, por manter contatos com profissionais do sexo, sempre esteve envolvido no meio. Afirma que a emergência da *Bruna Surfistinha*²² foi um marco no mundo da prostituição: *ela sempre foi muito boa com marketing e o marketing é tudo*.

Fotos profissionais, isto é, realizadas por fotógrafos profissionais, em cenários construídos, gerando imagens de alta qualidade, podem vir a ser um diferencial nesta modalidade de prostituição.²³ O medo da enganação faz parte do negócio. Pedro continua: *na foto tem um dote enorme, gigantesco. Quando tu chegas não dá 15, 14 (cm)*. A representação do homem viril, subsumindo aí o dote, é vista como capaz de angariar mais clientes, mas

²¹ Ser “das antigas” aqui denuncia um mecanismo mais “tradicional” de se prostituir. As ruas, por exemplo, foram os locais possibilitados para o exercício da prostituição no universo de Pedro Baiano. Atualmente, o acesso a diversos “tipos” de escorts é, em certa medida, facilitado com o os sites de anúncios.

²² Raquel Pacheco, conhecida pelo pseudônimo Bruna Surfistinha, foi uma trabalhadora do sexo que alcançou seu apogeu no mercado do sexo, e nos meios de comunicação, ao veicular seus relatos na prostituição em seu blog pessoal. Lançou dois livros, *O doce veneno do escorpião* e *O que aprendi com Bruna Surfistinha*. Sua história foi tema de um filme (2011) protagonizado pela atriz Deborah Secco e, também, de uma série pelo canal Fox, com o total de 4 temporadas.

²³ O preço pode ser custoso com esta sessões e os anúncios também podem apresentar alto custo. No site *viphomens.net*, por exemplo, temos uma variação nos pacotes contratados. A posição dos rapazes na dinâmica do *site* varia de acordo com o pacote que estes contratam, que são: pacote de bronze, prata, ouro e slide-show. Respectivamente: 25€, 50€, 75€ e 100€.

também sempre há certo receio em ser enganado. No momento em que Pedro Baiano atende o telefone, o cliente indaga sobre a veracidade das imagens. Pedro responde: *o meu é exatamente como nas fotos.*

Neste jogo de palavras, imagens e sedução, os sites tem papel fundamental e a reputação de um escort pode muito bem depender de como ele se vende e realiza o seu trabalho. A alteração das fotos e a correspondência a certo imaginário, que os desenham como fortes, viris, ativos e que os marcam como mulatos ou latinos delimita precisamente estes anúncios. À tela, percebemos um discurso produzido que produz corpos e condiciona a ordem das interações afetivo-sexuais no mercado do sexo. A intensificação de certas marcas, como a cor por exemplo, no portal *viphomens.net*, informa expectativas e aponta para algumas elucidações a respeito das economias sexuais na Europa.

3 Gênero, sexualidade e cor/”raça”: expectativas e negociações

As noções de gênero, articuladas com as de cor/raça e sexualidade, conduzem a uma análise que destaca a produção do escort brasileiro mulato, viril e sexualmente ativo nesse negócio. É sintomática a posição destes brasileiros no site *viphomens.net*, com sua predominância contínua entre os anúncios, como também nas próprias definições dos rapazes entrevistados. A competitividade entre outras nacionalidades existe, mas como afirmado em campo, *tem cliente pra todo mundo.*

As noções referentes às performances sexuais e expectativas sobre os trabalhadores sexuais, a virilidade, o dote, o conhecimento sobre o sexo, que podem ser encontradas em diversos estudos sobre prostituição masculina (LUCKENBILL, 1985; PERLONGHER, 1987; PRUITT, 2012), são reproduzidas independentemente do contexto. Já no Brasil, por exemplo, estas expectativas eram imputadas aos rapazes. Entretanto, em contextos diferentes, apesar da demanda circular em torno das características supracitadas, as parcerias afetivo-sexuais tomam contornos diferentes e, principalmente, estão sob significações diferentes.

Joane Nagel (2000) afirma que as “fronteiras étnicas são também fronteiras sexuais, intersecções erotizadas onde indivíduos mantêm relações íntimas através das fronteiras étnicas, raciais ou nacionais”. (Ibidem, p. 113, tradução nossa). As *fronteiras etnossexuais*, então, demonstram os tensionamentos existentes entre sujeitos que pertencem a grupos distintos, mas que, independentemente, continuam engatando relações entre si.

The borderlands that lie at the intersections of ethnic boundaries are “ethnosexual frontiers” that are surveilled and supervised, patrolled and policed, regulated and restricted, but that are constantly penetrated by individuals forging sexual links with ethnic “others. (Ibidem, p. 113).

Os reforços dos limites étnicos se dão através destas diferenças essencializadas do comportamento sexual de diferentes nacionalidades, raças ou grupos, com a produção discursiva que visa representar este Outro (SAID, 1996) lascivo, promíscuo e pronto para o sexo. Em contraponto com a produção da “nossa” identidade sexual frente àquela desregrada, encontramos tipos de sujeitos que estão submetidos, entretanto não passivos por completo, a esses imaginários.

Com o controle e policiamento das interações afetivo-sexuais entre indivíduos marcados socialmente como diferentes, seja pela cor/raça, língua ou religião, tem-se uma arena de disputa de poder e tentativa de controle de certas noções referentes à sexualidade dos brasileiros. Isto é, a constituição do tipo brasileiro de *ser* é produzida pelo imaginário europeu e imbuída, sem relutâncias, sob os rapazes. Aqui, as tensões são múltiplas e, ao meu ver, são informadas por noções que sexualizam e exotizam (MACHADO, 2004, 2008; RAGO, 2008) homens brasileiros, como também definem a posição do cliente europeu nestes contatos.

Os anúncios no portal viphomens.net, por exemplo, tensionam essas expectativas, reafirmando a nacionalidade e correspondendo possíveis expectativas sexuais. A reprodução do discurso, que pode corroborar com estas expectativas, por parte dos escorts denuncia a participação destes sujeitos nesse jogo de representação. A *atividade*, por exemplo, é muito bem representada. Existem outros escorts que afirmam realizar diferentes posições no ato sexual, como a passividade, ou versatilidade.

Entretanto, cito como exemplo um anúncio de um outro interlocutor, Alex Ávila, com 28 anos, “branco”, onde, nas fotos dispostas por ele, o vemos realizando atos sexuais com uma mulher. Quando perguntado sobre, diz que desta forma os clientes têm certeza de que estariam contratando *um super ativo na relação*.

Peter Fry (1982), ao pesquisar sobre homossexualidade no Brasil, construiu verdadeiras taxonomias de modelos classificatórios dessas sexualidades. Havia variações observadas por ele entre os grandes centros urbanos, a partir de suas camadas médias, e outras regiões do país, especialmente entre as camadas populares. Ao estudar os “papéis sexuais” de homossexuais em diferentes contextos aqui no Brasil, relatou o confronto que estaria tomando lugar com a emergência de um “modelo” de classificação identitária moderna. Isto no lugar de uma antiga associação que determinava a subinscrição do gênero a partir das performances

sexuais, isto é, ativo = homem e passivo = mulher, muito comum entre as camadas populares de regiões periféricas do país. Esse modelo hierárquico transpunha para o campo da sexualidade as hierarquias sociais mais amplas. Paralelo a ele, Fry observou, nos grandes centros do sudeste, predominantemente, entre as camadas médias, a emergência de outro modelo fruto de reivindicações de movimentos sociais, onde a qualificação negativa, principalmente relativa a quem “dava” no ato sexual, era suplantada pela horizontalização dos indivíduos nestas parcerias afetivo-sexuais. O modelo Gay-Gay (igualitário) não determinava a identidade a partir da performance, pois todos eram considerados homossexuais e, se possível, que todos realizassem as “duas” performances sexuais possíveis, sendo versáteis. Realizando o *troca-troca*. Em campo, a partir do site e de algumas conversas iniciais, saltava aos olhos a garantia de um sexo *selvagem*, com atores que poderiam ser *dominadores* em cena, “super-ativos”.²⁴

Contudo, ao longo das conversas com novos interlocutores, e com o contato mais próximo entre os dois aqui em destaque, Pedro Baiano e Guilherme, notei outras configurações do mercado do sexo, antes não relatadas. Além dessa necessidade em se anunciar, em sites destinados aos encontros entre homens, de acordo com o que é esperado dos brasileiros, Pedro Baiano e Guilherme também mantêm outros sites ativos, enquanto *travestis*.

Eu amo minha barba, eu gosto de ter barba, de ter pelo no peito, de ter pelo na barriga. Eu amo. Tudo do jeito que eu sou. Eu me amo... Cheguei na Europa e eu era novidade. Trabalhei só como homem. Só que aí passava um mês na cidade e parava de ganhar. Já não era mais novidade. Aí conversei com uma amiga minha de São Paulo, travesti, toda feita, e ela disse: amigo, na Europa você só vai ganhar muito dinheiro se você botar uma peruca. Aí peguei e falei: vou perder cliente como Pedro Baiano. Ela disse: gatinho, tu vai viver miserável na Europa. Aí foi onde nasceu a Gabi. Gabi Baiana (Pedro Baiano).

Lá em Londres boto peruca também pra trabalhar. Me travisto também. Faço tudo, como todos lá também fazem. A maioria dos escorts de Londres, querendo ou não, coloca peruca também. É só ir lá no Birchplace e vai ver um monte bombadão de peruca e batom. Não é só o escort (homem), também me visto de mulher. Boto peruca mesmo, fico doido atrás de dinheiro e por aí vai. A vida também é assim (Guilherme).

Interessante notar que não se trata exatamente de uma identificação com o gênero feminino. Aqui não são, necessariamente, pessoas transgêneros, ou travestis, que se

²⁴ Para análises das performances sexuais de homossexuais na atualidade, ver Isadora Lins França (2013).

prostituem na Europa. O que acontece, e que acredito estarem tomando forma nestas relações, são negociações que envolvem o gênero e sexualidade dos rapazes que, precisando se adequar às expectativas dos clientes europeus quando às possibilidades existentes no programa com brasileiros, manipulam seus limites corporais quanto às suas expressões de gênero. E neste caso, reiterando, não implica uma identificação com qualquer categoria identitária.

As delimitações identitárias e categóricas referentes a quem pode ser definido enquanto travesti, transexual ou transgênero, entre outras, é porosa e diz respeito a uma gama de fatores que interferem nestas fronteiras. O senso comum, autoidentificação, orientação política (CARVALHO, 2018), o contexto em que se está inserido (DUQUE, 2019), tratamentos hormonais, cirurgias de transgenitalização, e diversas outras influências, têm papel importante nos momentos em que certos sujeitos se classificam, ou são classificados por, em detrimento à alguma identidade específica. A confusão presente nas demarcações entre estes diferentes sujeitos é informada, principalmente, pela diluição de certas características que podem ser encontradas em diferentes tipos de performances, como drag queens, crossdressers, travestis e transexuais. Há especificidades, mas também há recorrências.

As observações feitas aqui levam a conclusões escorregadiças. O uso de próteses para *passar por* mulher cis, como apresentado por Tiago Duque (2016), poderia ser agenciado por estes rapazes para angariar mais clientes e, assim, elevar seus ganhos financeiros. Contudo, ser uma mulher *cis* através da performance não encontra eco em meu campo. O ato de *crossdressing*, se vestir *como* mulher, é imbuído de diferentes significados e as assinalações partem não só dos rapazes, mas também dos clientes e dos sites em que estes se anunciam. Anunciar-se enquanto travesti, em portais específicos para tais, denuncia um jogo identitário entre categorias que, em determinado contexto, tensionam um desejo desviante. Aqui, a busca incessante pela feminilidade, que pode ser frustrante e definidora de pessoas transexuais e travestis (VENCATTO, 2003), não ocorre. Por sua vez, a temporalidade da “montação”, uso de próteses e maquiagens, é presente. Entretanto, tomam espaço em um cenário onde a excitação pela travesti brasileira é comum e categorias como dragqueens ou crossdressers não são salientes. Tampouco a hormonioterapia ou estranhamento com o corpo “biológico” (CARVALHO, 2018) aparecem em campo ou nas falas dos rapazes.

Guilherme, por exemplo, disse só se “montar” porque ganha mais com os dois “personagens”, Guilherme e Bruna Prado. E complementa:

Tenho as próteses, né. Elas são de pessoas com câncer de mama. Então o toque é muito parecido com um peito real. Então, na hora do cliente tocar eu digo que acabei de fazer a operação (de colocada das próteses). E ele não sabe né. Mas assim, com a maquiagem fica perfeita, né. Maquiagem, o cabelo loiro até batendo na bunda. Com tudo. Daí esconde e fica aquele negócio bem trans, né. (Guilherme)

Nesta construção corporal, os limites que antes estabelecem uma linha rígida entre quem pode ser escort ou acompanhante travesti se confundem. Alex, por exemplo, disse que não exercia a passividade, e nesta esteira tampouco se travestiria, nem com a oferta de dinheiro, pois é *bem resolvido nos termos de trabalho*. Continua: *em trabalho sou ativo e mantenho essa postura. Isso ajuda a manter meus clientes fixos*. No caso de Pedro Baiano e Guilherme, como vemos, não há espaço para a não contestação destes limites. O controle sobre suas expressões de gênero se dá a partir do momento em que percebem que *o fetiche maior do europeu é a travesti*, como destacou Pedro Baiano.

O gênero, materializado nestes novos artefatos, como os seios de borracha ou silicone, são frutos da intensa “comercialização e produção de identidades sexuais” (PRECIADO, 2019a, p. 509), inseridos na lógica comercial a partir de um “mecanismo de produção sexo-prostético que confere aos gêneros feminino e masculino seu caráter sexual-real-natural” (PRECIADO, 2019b, p. 417). Esse domínio sobre seus corpos, e performances, bem como a capacidade de se auto imbuírem em uma identidade específica, como travestis, promove uma tensão entre as fronteiras identitário-sexuais nestes contextos. Com o possível alargamento do escopo de clientes, é possível enxergarmos certa adequação às expectativas e o consequente deslocamento entre categorias que desestabilizam certas normas de gênero e sexualidade.

Assim, o uso de próteses, como os seios de borracha, maquiagem, peruca e roupas funcionam como correspondentes a uma demanda europeia por travestis brasileiras. Nestes processos de transformação do corpo “masculino” para o “feminino” existem atritos interessantes de serem analisados. Como o “passar por travesti” se limita a algumas ferramentas materiais e simbólicas, como os seios de borracha e o uso de sites, e não alcança outras, como o uso de hormônios, a performance, de antemão, já se apresenta como falha e duvidosa. Os “bombadões” que Guilherme nos apresenta, inclusive de forma cômica, homens musculosos, fortes e viris, agora com peruca e batom, borram a linha binária de gênero, mas destarte, denunciam que, ali, não temos uma pessoa *cis*, ou uma pessoa trans querendo se passar por, neste caso, *cisgênero*.

Nesta discussão, destaco o trabalho de Larissa Pelúcio (2011) ao estudar o trabalho sexual de travestis brasileiras na Espanha e os processos de racialização recorrentes nestes

contextos. No campo da autora, a negociação de marcas atribuídas também é presente e tem papel importante nas definições que estas trabalhadoras fazem de si mesmas no mercado do sexo, acionando o que Pelúcio chama de “adjetivos etnicizados” (Ibidem, p. 256).

Além dessa maleabilidade envolvendo, principalmente, o gênero, existem outros marcadores que, neste contexto, aparentam estar sob permanente intensificação. Isto é, comportamentos que denunciam a habilidade dos escorts em se adequar à demanda, como também lançam luz sobre o desejo racializado do europeu que distingue os escorts brasileiros nas economias sexuais da Europa.

A cor/raça, bem como sua associação imediata à sexualidade, é muito bem explorada por autores que procuram entender certa racialização do desejo que concentra suas atenções, principalmente, em indivíduos de países colonizados. Mara Viveros Vigoya (2008) por exemplo, afirma que

Podría pensarse que América Latina es una región clave para examinar la sexualización de la raza y la racialización del sexo, dada la importancia de los procesos y las ideas sobre “el mestizaje”, “ficción fundacional” del imaginario de la nación en gran parte de la región (Ibidem, p. 176 apud SOMMER, 1991).

Esta “ficção fundamental”, muito bem amparada pela obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala* (2003), gira em torno da ideia de mestiçagem e influencia o entendimento da noção de raça. Aqui, o contato entre diferentes raças é controlado e o sexo, ou a sexualidade, são vinculados aos diferentes grupos racialmente/eticamente marcados como diferentes. Dos encontros entre diferentes povos no período colonial, como trabalhado por Verena Stolcke (2006), a noção de mestiços ainda interfere nas interações que tomam forma em contexto atual. Encontrando eco no passado colonial, as relações entre brasileiros e portugueses, segundo Igor Machado (2004; 2008), são informadas pelas noções de mestiçagem, que se apresentam neste estado limiar no processo de branqueamento de uma população.

No desenrolar da história da nação, a mestiçagem passa por várias tentativas teóricas que ora a constituem como o mal da nação, ora como a característica indelével de um país marcado pelo encontro afetivo entre raças distintas (CONCEIÇÃO, 2020). O mulato, dentre este caminho de embranquecimento da população, é a ponte entre o passado negro e negativo a outro Brasil branco, europeu e evoluído (NASCIMENTO, 1978, p. 69).

A mestiçagem, como marca deste Brasil, é um dos pilares que sustenta a construção das alteridades contemporânea e contextualmente. A ideia da mistura conforma a identificação racial, baseada nas relações afetivo-sexuais no passado escravocrata, e forma a categoria “mestiço” como passível de ser atribuída a todo o brasileiro, quer seja “negro” ou “branco” (SOVIK, 2009).

O mais interessante de destacar nessa discussão, é como a sexualidade se imbrica nesta ideologia. O encontro entre as raças é tingido pelo romance, afeto e parcerias sexuais que delegaram a este país seu rastro mais indissociável. Consequentes do processo de mestiçagem (CONCEIÇÃO, 2020, p. 59), a alegria, docilidade e afetuosidade podem ser vistas “em Dona Flor e José Wilker, rindo enquanto trepam; na avó dançante na ala das baianas[...] em inúmeras letras de samba que fazem rir, até mesmo, pelo menos hoje, as melodramáticas”. (SOVIK, 2009, p. 34).

No caso da história imbricada entre Brasil e Portugal, a política de miscigenação serve ao propósito de evidenciar o papel pacifista do português, capaz de conviver em harmonia com diferentes povos. Assim, segue Igor Machado:

O Brasil começa a ser re-inserido no pensamento português do século XX através da figura do mestiço, visto sempre de uma ótica racista. É possível arriscar dizer que nesta inserção, o brasileiro é considerado um pouco melhor que os negros africanos por ter sido “criado” pelos portugueses” (MACHADO, 2004, p. 125).

Nestas taxonomias raciais, o tipo mestiço, ou mulato, tem suas bases neste passado que inferia um caráter provisório àquele filho da “mistura clássica” (BLANCHETTE; SILVA, 2010). Traduzindo categorias raciais que tomam sentidos em diferentes contextos, o negro, ou mestiço, se encontra em diferentes posições no contexto português.

O inverso acontece com os brasileiros brancos, que em Portugal passam a ser vistos como mestiços. Isto reforça ainda mais os estereótipos, pois brasileiros negros e mestiços apoiam-se neles para sobreviver economicamente, ao mesmo tempo em que se aproveitam da ordem racial portuguesa para aumentar o próprio poder em relação aos demais brasileiros (MACHADO, op. cit. p. 137).

Ilustrando esta citação, destaco a fala de Henrique Royal, outro interlocutor, de 21 anos e “latino”, onde reitera: *mas eles não me consideram negro! Aqui negro tem outra*

definição. Negro aqui é africano. No Reino Unido, por exemplo, sou considerado latino. Aqui em Portugal, mulato. Lá fora, latino, ou brasileiro mesmo.

Neste marco, as categorias raciais se reforçam, mas também se atualizam. A ideia de mestiçagem, como visto, tem papel importante nas definições da alteridade e os próprios brasileiros podem ter influência ativa nessa ordem. A autodefinição, enquanto *mulato*, tornou-se perceptível nas conversas com os rapazes. Neste tipo ideal, a cor²⁵, entendida aqui como a tonalidade da pele como também traços “fenotípicos”, tem papel principal, mas a sexualidade e gênero, por exemplo, também entram como marcadores articulados que condicionam experiências. Por exemplo, a constituição do escort mulato, e conseqüentemente sensual, é esclarecedor de como a articulação de categorias se apresenta contextualmente.

A figura da mulata, explorada por Mariza Corrêa (1996), tem em sua história, por definição de sua cor, sua associação ao sexo, onde “as tonalidades correspondiam também a atitudes, ou comportamentos, esperados de uma "mistura" não só de cores como de disposições inatas, herdadas”. (Ibidem, p. 42). Nesta esteira, a constituição deste personagem, *mulato e miscigenado*, tem, em seus pilares principais, a sexualidade desregrada *a priori*, como característica principal.

Em um momento da conversa com Pedro Baiano, começamos a falar sobre sua personagem Gabi: *eu escolhi uma peruca que fica muito bem em mim. Bem mulata*. A partir desse ponto, o assunto girou em torno do papel da cor dos escorts na dinâmica das relações com os clientes. Ele afirma que *a personagem mulata vende mais que o Pedro* e que sua cor *é determinante*. Continua dizendo que *o mulato em si é um fetiche do mundo todo* e que *as fantasias dos meus clientes são tudo com homem preto. Somos paixões internacionais*.

Nesse sentido, Margareth Rago parte de uma perspectiva onde as relações entre o Ocidente e o Resto é marcada pela noção de raça, e a conseqüente exotização de indivíduos de países colonizados é tingida pelo desejo, curiosidade e repulsa. Uma vez que o processo de racialização do “corpo diferente reforça a inferiorização biológica, nessa construção do olhar sobre o outro, que não deixa de ser uma valorização dos “civilizados” e que das elites passa para toda a sociedade”. (RAGO, 2008, p. 5). Assim, esta *fantasia* passa por este processo de exotização do corpo colonizado e conforma estas parcerias afetivo-sexuais aqui abordadas. Guilherme, quando perguntado se já passou por situações de racismo, destaca algo de suma importância aqui na discussão que faço.

²⁵ Para uma análise sobre as diferenças de sistemas de classificações raciais, como a *cor* e a *cor da pele*, ver Antonio Guimarães (2011).

A minha cor não tem nada a ver. Estou bronzeado, sou igual a você praticamente, mais escurinho só. Essa pergunta sua... porque acho que você me vê como moreno. Não sou branco, mas também não sou negro. Eles (os clientes) adoram, por isso mesmo eu tento manter o bronze assim. O bronze chama a atenção. Meu pai é negro, minha mãe é branca branca. Da sua cor, praticamente entendeu (Destaque meu).

Com a imprecisão (MUNANGA, 2004) característica dos brasileiros “miscigenados”, nem pretos nem brancos (SHWARCZ, 2012), a morenidade é destacada e intensificada. Além desta não identificação com a negritude, até porque “aqui negro tem outra definição”, a cor *morena*, própria dos mulatos, é vista como potência neste contexto.

A ‘intensificação’ da cor, *mantendo o bronze para chamar a atenção*, faz parte das negociações que aqui discuto. O manuseio de si, consequente deste desejo europeu com o homem “preto”, ou mulato, é ferramenta onde as intersecções entre gênero, sexualidade e cor são definidoras das experiências dos escorts aqui abordados. O afastamento do termo “preto” também é notado na fala de Pedro Baiano: *apesar de não ser totalmente preto; não sou negro raiz. É só minha pele que é mulata. Na verdade, eu sou amarelo, se duvidar.*

Este afastamento se dá pelo fato do caráter negativo atribuído ao termo “preto”, como é possível vermos no trabalho de Alan Ribeiro (2010), ao realizar campo em uma escola pública tratando da relação dos jovens estudantes com as classificações raciais que tomam espaço naquele cenário e Paula Togni (2011), ao estudar as experiências de jovens brasileiros que migraram para Lisboa. Élcio Santos e Pedro Pereira (2016), ao trabalharem as taxonomias raciais em uma sauna, também destacam a posição do michê “moreno” desejado, em contraposto ao michê e cliente negro. O impacto do racismo, que privilegia o polo branco, ou o mais próximo possível do branco, interfere nas autodefinições, bem como abre brechas para estes espaços onde a indefinição da sua cor/raça dá sustento para a constituição do escort moreno e mulato.

Nas entrevistas é possível percebermos uma alternância entre termos, ou categorias, nos processos de auto e heteroidentificações. Por ora, remetem a si mesmos enquanto travestis, ou trans, quando perguntados sobre suas performances no mercado do sexo. Enquanto em outros momentos, existe a variedade de categorias raciais em que eles podem ou não se identificar. Essas transições entre categorias de gênero e raciais informam esta plasticidade onde os rapazes podem se realocar em determinado contexto ou circunstância, sendo pretos, latinos, brasileiros ou mulatos. Essa ‘variedade’ diz muito mais sobre os escapismos possíveis do que sobre uma multiplicidade identitária. Entretanto, é rico de se

analisar nesta variedade de categorias, principalmente raciais, as estratégias e agenciamentos dos escorts que se encontram em determinados cenários.

Com estas imbricações entre marcadores, que partem da sexualização do escort *miscigenado*, é evidente, a partir de anúncios e falas dos rapazes, o papel das noções de raça e sexualidade nas interações afetivo-sexuais dos escorts. Há espaço para outras nacionalidades nas economias sexuais da Europa, entretanto, pelo menos em Portugal, o espaço concedido aos escorts, no que tange ao número de clientes que estes conseguem, demonstram a ordem do desejo que direciona os clientes aos rapazes brasileiros.

Neste sentido, pensar em margens para agência (ORTNER, 2007) em contextos marcados por interações que podem ser entendidas, à primeira vista, como desiguais, é tarefa delicada. Laura Moutinho (2006) é pontual ao demonstrar que os espaços para agência dos sujeitos devem ser explorados a partir de leituras que levam em consideração a ação dos indivíduos. Assim

Não se trata, igualmente, de afirmar qualquer maquiavelismo inserido em um projeto de ascensão social, mas sim de registrar que é esse sujeito social quem possui um conjunto de características relativas ao gênero, à cor, à orientação sexual e à classe que lhe permite uma chance maior de vivenciar e acumular novas e diversas experiências, bem como de aumentar seu capital cultural, econômico e social (Ibidem, p. 114).

Os processos migratórios aqui estudados e o trabalho na prostituição em contextos transnacionais são acionados pelos escorts por necessidade, mas não somente. A independência financeira, por exemplo, é constantemente destacada pelos rapazes e a prostituição é vista como um meio, dentre tantos outros, para se alcançar certos objetivos. Vários entrevistados são formados em algum curso superior, ou têm possibilidades de trabalhar em outras funções. Alex, por exemplo, afirmou estar se prostituindo em Portugal apenas para alcançar seus *objetivos e metas de investimentos e empreendimentos no Brasil*.

Aqui, o *gostar* de se prostituir é enunciado diversas vezes. Guilherme disse que é *feliz trabalhando nisso* e contribui todo mês com a segurança social, pois pensa em sua aposentadoria também: *a garantia da velhice em primeiro lugar*. Continua dizendo que comprou um apartamento em sua cidade natal e que tira suas férias depois de certo tempo trabalhando. Em julho e agosto decide *descansar*, pois também gosta de visitar o *Circuit*, festival gay que ocorre na Espanha²⁶.

²⁶ Disponível em <<https://www.circuitfestival.net/>> Acesso em: 04 out. 2020.

Levo minha vida toda fazendo sexo com cliente. O que que é tirar um tempinho pra fazer umas coisas diferentes com amigos, sem perturbação de telefone, sem perturbação com cliente. A vida também não é só isso né? Se eu cumprir a minha meta, o meu objetivo, de dinheiro, por que não ter o meu descanso? (Guilherme)

Levando em consideração a trajetória pessoal de cada interlocutor, o momento em que decidiram se prostituir pode se apresentar como violento e delicado. Contudo, ao longo de suas vidas, vários interlocutores ainda tiveram tempo e disponibilidade para se dedicar a formações complementares, empregos diversos e projeto pessoais. Pedro Baiano teve a chance de impulsionar um negócio próprio com o seu companheiro na época. Guilherme era professor em um ginásio (academia). Enquanto Pablo, outro entrevistado, 36 anos e “branco”, era formado em direito e optou pela prostituição pois em sua ocupação anterior era “muito humilhado”.

O que chama a atenção nestas realidades observadas é o poder em decidir sobre sua vida, olhar para o futuro de maneira estratégica e traçar seus planos a partir do campo de possibilidades (VELHO, 1994) proporcionado pela inserção na prostituição. Além da clara influência dos interlocutores sobre como as parcerias afetivo-sexuais se desenrolam, o trânsito entre países, o aumento da qualidade de vida e independência financeira também são compartilhados pelos escorts como oportunidades não dispostas anteriores à prostituição. A partir disso, se suplantaria uma suposta incapacidade de ação do sujeito, a impossibilidade de tomar decisões sobre suas carreiras, algo como uma não-agência. Novamente, com isto, não implica afirmar uma liberdade incondicional frente às barreiras impostas durante o curso de vida de um sujeito, mas sim o intento é o de atribuir um espaço onde a ação pode se tornar possível em determinado cenário.

Considerações Finais

As análises aqui produzidas mantêm estreita relação com uma bibliografia preocupada em entender as complexidades das relações sociais tecidas em um contexto global de interações entre “diferentes” indivíduos. À ordem destas relações, temos uma rede complexa de relações de poder sustentada por noções referentes aos marcadores sociais da diferença – como gênero, cor/”raça” e nacionalidade – que complicam as observações e geram questões diversas.

A articulação de categorias de diferenciação se dá em contextos específicos e seguem lógicas próprias nestes cenários. Isto é, as circunstâncias, em que os sujeitos brasileiros que vendem sexo se encontram, imperam sobre a dinâmica das relações de poder em tal local. Como apresentado, o passado colonial e a ideologia da mestiçagem dão forma às interações, não somente afetivo-sexuais, entre portugueses e brasileiros. Arrisco afirmar que a constituição deste brasileiro, filho de raças diversas, é concebida em diversos países da Europa e caracteriza um discurso acionado pelos próprios rapazes no momento em que se anunciam.

Nestes momentos de construção discursivo-imagética sobre si em sites de anúncios de prostituição, os rapazes jogam com o imaginário que procuram neles, uma experiência sexual tingida por noções coloniais, racializadas e erotizadas deste homem brasileiro. Em contrapartida, a busca por novos clientes, com as viagens e com o travestir-se por exemplo, evoca a capacidade de negociação destes sujeitos em contextos onde as possibilidades de ascensão podem ser escassas. O entendimento dos limites, dentro de determinado campo de possibilidade, opera nestes homens como um impulsionador para transformações que elucidam as concessões e recusas presentes em tal cenário.

A partir destas afirmações, e com as discussões feitas ao longo deste texto, é possível enxergarmos melhor as configurações não só do mercado do sexo, mas também dos processos subjetivos pelos quais passam migrantes brasileiros que procuram, em determinados trânsitos, atrair clientes, elevar seus ganhos e constituir-se enquanto indivíduos independentes.

Partindo desta preocupação, com este texto, procurei lançar luz sobre realidades que suscitaram poucas formulações na literatura até o momento. A transnacionalização da prostituição masculina serve como base para argumentações potentes que traduzem o debate focado na experiência de mulheres do chamado “terceiro mundo”. A investigação sobre o mercado do sexo europeu, ou a tentativa de o fazer em poucas páginas, tem o objetivo de indagar os limites da bibliografia que procura tratar de processos migratórios imbricados com a prostituição e o de analisar alguns âmbitos e vivências ainda por serem explorados.

Referências Bibliográficas

AGUSTÍN, Laura. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 107-128, 2005.

BARRETO, Victor H. S. Os novos territórios da prostituição masculina. In: OLIVEIRA, Thiago. (Org.). **Homens nos mercados do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. 1. ed. Salvador: Editora Devires, 2019, p. 77-102.

BLANCHETTE, Thaddeus; SILVA, Ana. P. “A mistura clássica”: miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual. **Bagoas**, v. 12, n. 5, p. 221-244, 2010.

CARVALHO, Mario. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos Pagu**, n. 58, 2018.

CONCEIÇÃO, Willian L. Labirinto e o círculo vicioso: Raça, história, modernidade e nação no Brasil. In: _____. **Branquitude**: Dilema racial brasileiro. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2020, p. 25-48.

CONNEL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, p. 35-50, 1996.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, p. 171-188, 2002.

DELUCA, Gabriela; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; CHIESA, Carolina Dalla. Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto velho para estudos sobre carreiras. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, n. 4, p. 458-476, 2016.

DUQUE, Tiago. “Com esse eu caso”: homens trans, beleza e reconhecimento. In: COLLING, L. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: Edufba, 2016, p. 195-216.

_____. Regimes de visibilidades/conhecimento nas experiências da “(des)montagem” e do “(não) passar” por homem e ou mulher. **Aceno**, n. 12, v. 12, p. 113-126, 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

FRANÇA, Isadora L. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 14, p. 13-39, 2013.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. (Org.). **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 87-115.

GRAÇA, Marta; GONÇALVEZ, Manuela. **Prostituição**: Que modelo jurídico-político para Portugal? **Dados**, v. 59, n. 2, p. 449-480, 2016.

GUIMARÃES, Antonio S. A. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de campo**, n. 20, p. 265-271, 2011.

HENNING, Carlos E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015.

HIRANO, Luis. F. K. Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. In: _____; ACUÑA, M; MACHADO, B. F. (Org.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos trânsitos e intersecções**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019, p. 27-54.

KEMPADOO, Kamala. Gender, race and sex: exoticism in the Caribbean. Paper presented to the International Symposium “**O desafio da diferença: articulando gênero, raça e classe**”, 2000, Salvador.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, n. 9, p. 109-117, 1998.

KOURY, Mauro G. P. Gilberto Velho e a antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v. 14, n. 41, p. 22-37, 2015.

KYRILLOS, Gabriela M. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 1-15, 2020.

LOPES, Tatiana B. O.; PASSAMANI, Guilherme R.; ROSA, Marcelo V. Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica desde “O negócio do michê”. In: OLIVEIRA, Thiago. (Org.). **Homens no mercado do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas**. Bahia: Editora Devires, 2019, p. 19-52.

LUCKENBILL, David F. Entering male prostitution. **Urban Life**, v. 14, n. 2, p. 131-153, 1985.

MACHADO, Igor J. R. Imigrantes brasileiros no Porto: Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas. **Lusotopie**, p. 151-140, 2004.

_____. Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira. **Revista de Antropologia**, v. 51, n. 2, p. 699-733, 2008.

_____. A condição obscura: Reflexões sobre as políticas de imigração e controle de estrangeiros em Portugal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, p. 125-145, 2011.

MAI, Nicola. Between Minor and Errant Mobility: the relation between psychological dynamics and migration patterns of Young men selling sex in the EU. **Mobilities**, v. 4, n. 3, p. 349-366, 2009.

_____; KING, Russel. Love, sexuality and migration: mapping the issue(s). **Mobilities**, v. 4, n. 3, p. 295-307, 2009.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas**, n. 11, p. 51-78, 2014.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 103-116, 2006.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. [Entrevista concedida a]: Alfredo Bosi e Dario Luis Borelli. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 51-56, 2004.

NAGEL, Joane. Ethnicity and Sexuality. Annual. **Reviews Sociology**, v. 26, p. 107-133. 2000.

NASCIMENTO, Abdias. O embranquecimento da raça: uma estratégia de genocídio. In: _____. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editor Paz e Terra, 1978, p. 69-77.

NOVELI, Marcelo. Do off-line para o on-line: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a Internet? **Metodista**, v. 6, n. 12, p. 107-133, 2010.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, M. P.; ECKERT, C.; FRY, P. (Org). **Conferências e diálogos**: saberes e práticas antropológicas. Blumenau, Editora Nova Letra, 2007, p. 45-80.

PARREIRAS, Carolina. “Não leve o virtual tão a sério”? – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line. In: FERIANI, Daniela. M.; CUNHA, Flávia M. de; DULLEY, Iracema (Org.). **Etnografia, etnografias**: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico. São Paulo: Annablume, 2011, p. 43-58.

PASSAMANI, Guilherme R; ROSA, Marcelo V; LOPES, Tatiana B. O. Sutilezas e “escadas da moralidade” nas saunas de Campo Grande-MS. **Estudos Feministas**, n. 28, v. 1, 2020.

PELÚCIO, Larissa. Desejos, brasilidades e segredos: o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras. **Bagoas**, v. 10, n. 6, p. 243-266, 2011.

_____; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes”, **Sexualidad, Salud y Sociedad**, p. 125-157, 2009.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINHO, Osmundo. Race fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, v. 38, p. 159-195, 2012.

PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 19, p. 195-231, 2002.

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11 n. 2, p. 263-274, 2008.

_____. ¿Actuar la brasileñidad? Tránsitos a partir del mercado del sexo. **Etnográfica**, v. 15, n. 2, p. 5-29, 2011.

_____. **Trânsitos**: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

_____. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. **Cadernos Pagu**, v. 47, 2016.

POCAHY, Fernando A. "Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 11, p. 122-154, 2012.

PRECIADO, Paul B. Prótese, mon amour. **Periódicus**, n. 12, v. 1, p. 506-514, 2019a.

_____. O que é contrassexualidade? In: HOLLANDA, Heloísa B. (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b, p. 411-420..

PRUITT, Matthew V. Online boys: male-for-male internet escorts. **Sociological focus**, v. 38, n. 3, p; 189-203, 2012.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: _____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 31-48.

VENCATTO, Ana P. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Cad AEL**, v. 10, n. 18/19, p. 189-213, 2003.

VIANA, Normando J. Q. “É tudo psicológico! Dinheiro... pruuu! Fica logo duro”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. 2010, 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2010.

RAGO, Margareth. O corpo exótico, espetáculo da diferença. **Labrys Estudos Feministas**, 2008.

RIBEIRO, Alan A. M. “No meio e misturado”: o moreno como identificação de cor entre estudantes de uma escola pública. **Conjectura**, v. 15, n. 1, p. 67-77, 2010.

SAID, Edward. O âmbito do orientalismo. In: _____. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 41-120.

SANTOS, Daniel K; LAGO, Mara C. S. Homens brasileiros no mercado transnacional do sexo: apontamentos sobre o trabalho sexual, migrações, discursos e imaginários. **Cadernos Pagu**, n.58, p. 2-33, 2020.

SANTOS, Élcio N; PEREIRA, Pedro P. G. Amores e vapores; sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 133-154, 2016.

SHWARCZ, Lilia M. Nem preto, nem branco: cor e raça na intimidade. In: _____. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p. 174-244.

SILVA, Ana P; BLANCHETTE, Thaddeus. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu**, v. 25, p. 249-280, 2005.

SOVIK, Liv. Ensaios teóricos. In: _____. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, p. 33-88.

STOLKE, Verena. O enigma das intersecções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Estudos Feministas**, v. 14. n. 1, p. 15-42, 2006.

TOGNI, Paula C. Que “brasileiras/os” Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo. In: PISCITELLI, A; ASSIS, G. O.; OLIVAR, J. M. N. (Org.). **Gênero Sexo e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Unicamp/Pagu, 2011, p. 385-434.

VIGOYA, Mara V. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade em el contexto latino-americano actual. In: CAREAGA, G. **Memorias del 1er encuentro latino-americano y del caribe**: la sexualidade frente a la sociedade. México, 2008.

OLIVAR, José M. N. **Devir puta**: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.